

Editorial

SOBRE MODELOS DE UNIVERSIDADE

Rosa Maria Rodrigues¹

Quando se estuda a organização da educação superior no Brasil é comum recorrer aos modelos explicativos produzidos para dar conta das classificações didáticas que possam estampar um possível cenário do que seja, no Brasil, o que se chama de instituições de educação superior ou universidades. Assim, os modelos tomados como parâmetro são: o francês, inglês, americano e alemão, além de outros menos influentes na realidade brasileira como o asiático e o socialista. O modelo francês elaborado à época de Napoleão expõe uma educação superior como extensão do Estado e como forma de fazer cumprir funções que o auxiliem na consecução de seus fins; uma instituição voltada para a formação dos quadros técnicos que sustentem o Estado, para que tenha a sua disposição quantidade e qualidade de pessoas para fazer andar a máquina Estatal. O modelo inglês, a seu turno prima pela formação do homem culto, de formação intelectual e geral em consonância com a tradição inglesa. O modelo alemão, considerado o “modelo modelo” tem como principal nome Wilhelm von Humboldt, linguista que atuou na criação da universidade de Berlim, para o qual, o papel da universidade era a busca da verdade sem constrangimento. Ou seja, sem a interferência do Estado, da igreja ou de qualquer outra tendência que nela se enraíze. Pensava na universidade como uma instituição que tivesse autonomia relativa na produção do conhecimento, relacionando-se estreitamente com o Estado, mas cuja força unificadora seria a ciência a legitimar projetos de nação. Tinha como pressuposto a integração entre “ensino, pesquisa e formação geral, humanista e científica com foco na totalidade e universalidade do saber. Essa seria a forma de fazer a ciência ‘pura’, que tem como princípio a busca infinita da verdade e do conhecimento”^{2:84}. E, por fim, o modelo americano cujo foco é a formação para o progresso, quando o que interessa como campo de estudo é o que auxilia no desenvolvimento econômico; uma universidade utilitária e que tenha vínculos comunitários diretos. Em que pese as aproximações que são feitas a estes modelos tentando enquadrar as experiências brasileiras em algum deles, parece que a crise da universidade permite questionar se há algum modelo de universidade no Brasil. Ao mesmo tempo é possível questionar se os modelos implementados em terras brasileiras podem ser comparados ao modelo europeu e americano. Em texto “velho”, mas novíssimo, Milton Santos declarava que o erro de sua geração foi acreditar nas virtudes do saber de um continente (europeu) e agora de dois (americano), descuidando de produzir explicações e ciência, a partir da realidade brasileira. Problematizando a universidade e seus desafios para produzir conhecimentos necessários, questionava como “fazê-lo no Brasil, onde a vida intelectual ainda está organizada em torno de clubes, de clãs e do enturmamento, sendo às vezes mais útil passar as noites em reuniões sociais com os colegas que mandam, do que queimar as pestanas, como antigamente se dizia, em frente dos livros”^{3:20}. Como fazê-lo nessa cultura de corrupção que assola todos os ambientes públicos no país? Uma cultura na qual usar o dinheiro público para fins pessoais, políticos partidários é regra e não causa constrangimento aos que assim o fazem. Sendo a universidade fruto de seu tempo e, feita por humanos, ela reverbera o caos social e coloca em cena toda sorte, do que deveriam ser anomalias, como projetos institucionais. Longe se está de um ambiente em que a busca da verdade seja o fim da universidade.

¹ Editora da Revista Varia Scientia – Ciências da Saúde.

² Silveira ZS, Bianchetti L. Universidade moderna: dos interesses do Estado-nação às conveniências do mercado. Revista Brasileira de Educação. 2016; 21(64). [online] [acesso em 2018 Jul 23]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v21n64/1413-2478-rbedu-21-64-0079.pdf>

³ Santos M. O intelectual e a universidade estagnada. Revista Adusp. 1997. [online] [acesso em 2018 Jul 23]. Disponível em: <http://www.adusp.org.br/files/revistas/11/r11a03.pdf>